

HILDA HILST E O ESPAÇO DO JORNAL

Aline Pires de Moraes (IFMT-CNP/UNEMAT-TGA)

RESUMO: Hilda Hilst é considerada uma das mais importantes representantes da literatura brasileira contemporânea. Dona de uma dicção singular, que por muitas vezes a fez ser classificada como uma escritora hermética e acabou fazendo-a ficar na obscuridade, Hilst transitou bem pelos diferentes gêneros a que se propôs: poesia, ficção, crônica e teatro. Ao longo de sua empreitada literária erigiu um vasto retrato da sociedade brasileira contemporânea e sua subjetividade. Neste trabalho, nosso olhar se volta para a produção cronística da autora, organizado na coletânea *Cascos e Carícias*, buscando revelar de que maneira ela usa o espaço do jornal e constrói sua escrita por meio da conjugação, nem sempre tranquila, entre realidade e ficção, revelando uma densidade estilística que faz confluir toda a hibridez de sua produção anterior a um discurso que se instaura leve frente a uma problemática que traz em seu bojo o anseio pelo reconhecimento, em textos que congregam seu vigor irônico e fogem de clichês. Ao contrário do que apontam os estudos literários ao classificarem o gênero crônica por seu descompromisso, leveza e inocência, tal trabalho perscruta a produção hilstiana para além das fronteiras da despreensão e atinge o patamar ao observar que o trabalho cronístico de Hilda Hilst não se constrói na tentativa incisiva de uma referencialidade ao real, pois não deseja traduzi-lo, mas sim elaborar uma tentativa de construir uma realidade possível, já que ao buscar no jornal a matéria para sua escritura, a cronista reconstrói literariamente os fatos e os lapida para que permaneça além da temporalidade que o consagra. Certamente, isso Hilda Hilst faz com primazia, uma vez que, mesmo para a imprensa, a qualidade estética de seus textos e seu estilo debochado e irônico veem sempre congregadas a uma dicção que trouxe à tona o melhor de sua multifacetada obra, dando a ressonância sempre desejada, mas nem sempre alcançada, para sua obra. Seu processo de escritura contempla traços metanarrativos que fogem do jogo lúdico a que se propõem alguns autores cronistas e instauram reflexões relevantes seja sobre a condição humana, sobre a condição da cultura, a condição do escritor brasileiro, ou até mesmo para investigar o abismo existente entre seus textos e os leitores, fazendo de suas crônicas meio de reflexão acerca da função do escritor em um mundo dominado pela mídia e pela cultura de massa. Além disso, o espaço da crônica no jornal é ‘subvertido’ pela autora e torna-se uma vitrine representativa de toda a sua obra, mostrando que diferente do que costumeiramente ouvimos, a crônica não se delinea como um gênero menor, mas sim revela-se de uma grandeza que perdura e transcende as fronteiras limítrofes de sua escritura.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Hilda Hilst; Jornal.

Antonio Candido em “A vida ao rés do chão” discorre acerca de uma possibilidade de caracterização do gênero crônica. Marcada por uma multiface que a

aproxima do jornal, da história e da literatura, o surgimento e evolução da crônica no Brasil conjuga-se ao desenvolvimento da imprensa, uma vez que ela se utilizou desse meio de comunicação para aproximar-se do leitor de jornal que buscava naquele espaço os matizes do literário, pois ali a matéria não ficcional, demuda-se em ficção. Eis a crônica, por um lado, uma escrita concisa cuja fruição é dinâmica; por outro, uma conceituação múltipla e complexa, uma miscelânea de convergências e de atributos.

Etimologicamente, a palavra nomeadora do gênero liga-se a ideia de tempo, já que *chronus*/crônica remete-nos a ideia do mito de Chronos, deus do tempo. A crônica, por sua própria origem é um gênero colado ao tempo. Se em seu entendimento originário, aquele da linhagem dos cronistas coloniais, ela almeja o registro ou narração dos acontecimentos e suas conjunturas em sua configuração temporal, sem abandonar seu caráter de narrativa e registro, agrega, agora, uma característica moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador. Em qualquer um dos casos, a crônica guarda sempre em sua etimologia a relação profunda com o tempo vivido mesmo que de maneiras diferenciadas, pois diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto e de formas diversas, uma escrita no tempo.

Desse modo, configura-se como mensageira do espírito do tempo, por excelência, tanto pelas propriedades formais, por seu conteúdo, pela analogia que nela se instaura necessariamente entre ficção e história, pelas características visivelmente casuais do cotidiano que registra e reconstrói, como pela intrincada contextura de tensões e relações sociais que através dela é possível apreender. Daí entender que se ela guarda a ideia de tempo em seu seio, isto não a torna menor, como querem alguns críticos, pois ela liga-se ao tempo, mas a um tempo filtrado pelo modo de ver e de sentir do cronista de jornal, desse modo o fato é enriquecido pelas impressões de quem o observa e comenta com o leitor, tecendo, como aponta Arrigucci Jr., a continuidade do gesto humano na tela do tempo (1987, p.51).

Em seu bojo, a crônica labora o gesto irônico, e ganha com a ironia aquela pitadinha de sal que, sozinha, torna o prato saboroso, como nos aponta Goethe. Muitas vezes, cronistas recorrem a uso da ironia para tecer seus textos e lançar seu olhar crítico para a realidade circundante e no uso desse recurso, a literalidade ganha vigor e a crônica cumpre o papel a que veio.

Assim, a ironia é o assentamento da subjetividade, porque, com Sócrates, a subjetividade justapôs o seu direito na história universal, içando-se à segunda potência, subjetividade da subjetividade ou à reflexão da reflexão: a realidade tomou consciência da ironia declarada, nitidamente, como ponto de vista.

De outro modo, a ironia, como prolongamento de uma perspectiva reflexiva e exegeta do sujeito frente a realidade que o cerca, comprova o próprio desazo da linguagem em retratar qualquer experiência nucleada na realidade dada, pois, não há existência de mundo real na retaguarda de um papel, mas na grandiosidade que se constitui afora do registro, da escritura, além do livro, ou seja, a realidade se constitui para além do discurso escrito, ela se manifesta na linguagem expressa de modo a contribuir para a representação do real.

Outrossim, a ironia, algumas vezes, coloca-se acima de si mesma no instante em que o sujeito deduz ter sido entendido. Isto posto, presume-se o liame análogo entre o que se fala e o que se pensa. Contudo, se efetivamente a proposição condiz com o ponto de vista enunciado ou insinuado pelo sujeito, aquilo que foi declarado equivale, de modo igual, ao pensamento. Ou seja, o locutário compreende o exposto, o sujeito encontra-se positivamente livre, amalgamado por suas asserções, tanto sobre si mesmo, como em relação aos outros, pois resolvido o problema, a ironia nulificou a si mesma, foi superada. Genericamente, permite-se dizer que o enunciado usual se diferencia, e muito, do irônico, ao passo que, no primeiro, almeja-se a correspondência entre a palavra e o pensamento, ou melhor, o reconhecimento entre a essência e o fenômeno, já no segundo, tal correspondência não é almejada.

Olhar para o trabalho cronístico de Hilda Hilst é sempre voltar para os caminhos que sinalizam o modo como a escrita crônica não fala de um ponto fixo, mas sim de um trajeto em que as paragens se dão no meio do caminho, e ali encontram novos rumos, pois a crônica hilstiana é isso: um desnudar de uma produção que se constituiu múltipla e que sinalizou para uma anarquia que desvelou o que de melhor a literatura poderia nos apresentar: textos poéticos, críticos e ficcionais que agregados ao espaço do jornal, alavancaram a densidade da escrita hilstiana e trouxeram à tona um novo modo de usar o espaço do jornal.

Nesta galeria, encontra-se a obra *Cascos e Carícias*¹, coletânea de crônicas que congrega a produção semanal de Hilst para *Caderno C* do *Jornal Correio Popular* de Campinas no período de 1992 a 1995.

No conjunto da obra, as crônicas de Hilst despertam nosso interesse, porque ela demudou o espaço do jornal, transformando suas crônicas em um lugar de ponderações que refletiam acerca da prática de produzir literatura, especialmente aquela que traz como temática fulcral o cotidiano como pano de fundo para debates de natureza teórica e poética. Para Hilda fazer literatura era um encargo árduo e de constante experimentação. O ofício do escritor é levar para a escritura sentimentos, angústias e anseios sentidos pelo homem comum, no entanto não descritos, seja pela falta de domínio da expressividade literária, seja por não saber traduzir em palavras aquilo que se sente. O modo ousado e perspicaz empregado em sua escrita, fizeram com que Hilda transformasse o espaço do *Caderno C* em um âmbito de discussões, não apenas as que se dedicam as temáticas sociais e políticas, tão características das crônicas tradicionais, os apontamentos levantados por Hilst em suas crônicas vão muito além dessas esferas temáticas, ela sugere um importante debate acerca dos caminhos que conduzem à construção poética e seus critérios estéticos no anseio de uma originalidade que possibilitasse a ela uma aproximação com o público, daí a opção pela metalinguagem

Hilst nunca escondeu que o seu propósito fundamental ao de dedicar a escrita de crônicas para o jornal, era que assim ela poderia dizer para leitores seus sentimentos em relação ao mundo, seus anseios, seu modo de pensar, a sua opinião e a sua crítica sobre os fatos que movimentavam a população, além promover a sua originalidade. Hilda em entrevista sobre a experiência e a motivação de escrever crônicas fala: “[...] Foi muito diferente. Eu até aproveitei para divulgar o meu trabalho, voltar aos meus textos. [...] Mas, aí teve um ano que eu fiquei sem dinheiro [...]. Nas crônicas às vezes dava pra falar do dia a dia. Eu gosto especialmente das crônicas engraçadas.” (HILST. In: DINIZ, 2013, p. 175).

Portanto, com uma escrita sempre feroz e ousada Hilst propôs para aquele espaço do jornal variadas discussões que iam além das temáticas tão comuns nas crônicas produzidas naquele período, mas fez do *Caderno C* uma vitrine de seus textos e da sua escrita, abordando problemáticas como, a questão da sexualidade, das tragédias sociais do período, política e até o próprio fazer literário como temas de suas crônicas. Além

¹ A edição escolhida aqui é a da Editora Globo, 2007.

disso, muitas vezes o espaço da crônica era usado para reprodução de trechos de poemas, contos ou romances. Assim, os recursos da intertextualidade e da metaficção tornaram-se recorrentes na sua produção cronística.

Por meio de uma escrita crônica que apontava para um trabalho metanarrativo, a cronista do *Caderno C* buscou explicitar seu grande descontentamento frente ao fato de se viver literariamente à margem, uma vez que mesmo com tão variada produção não alcançou um número grande de leitores e não foi reconhecida como uma escritora canonizada. Vale destacar que, atualmente, a mesma já tem sido reconhecida no hall dos grandes escritores e um dos fatores para um aumento no número de leitores foi a publicação de sua obra completa pela Editora Globo que trouxe o reconhecimento da grandiosidade de seu legado. Assim, a metanarrativa foi um artifício usado por Hilst para desnudar o processo de produção de textos, através dela a autora expôs a autoconsciência textual, objetivando mostrar aos leitores o exercício reflexivo que é escrever.

Outra característica recorrente na produção cronística de Hilst é a ironia, destilando sarcasmo e incitando o riso a autora faz da ironia uma postura diante do cenário sócio político que ela procura mostrar em seus textos, rompendo assim com a leveza que sempre caracterizou o gênero e tratando as temáticas de modo cáustico e feroz. É uma ironia que reflete o desespero humano frente a uma sociedade que perdeu a noção de ética, denunciando uma indignação que é na verdade uma subjetividade refletida na constante perda de valores básicos de uma coletividade em conflito.

Observe a crônica abaixo e veja de que maneira o riso se constrói a partir do recurso da ironia.

Acho muito saudável o modismo de nus masculinos em certos clubes para mulheres. O triste é que não fiquem completamente nus. Porque, afinal, o que há com o 'pantaleão', ou 'ferramenta', ou 'cana', ou 'camandro' ou ponteiro, o que há com ele que não pode ser visto? Nestes tempos pestilentos, eu, 'minha gente', saio correndo se alguém me mostrar o dito cujo. Com sessenta e dois anos de idade também duvido que alguém me mostre algum. Mas é sempre profícuo, para uma fantasia completa, projetar o cara inteirinho. A cabeça de cima, o nosso valioso pré-frontal, pode ser cortada para esse tipo de fantasia. Os acéfalos são até mais estimulantes. Os bossa-gorilhões. Já pensaram que tedioso uma fantasia sexual com Oppenheimer ou o Albert, por exemplo? Haja neurônios. Bem, então, sem a cabeça de cima, tudo bem. Mas todo o resto (!) é importante [...] Importantíssimo. Vejamos: você está ali deitada, projetando aquele cara apolíneo, e vai descendo e, de repente, o susto, aquela 'bimbinha', aquela 'gunga', aquela 'bilola'. Que maçada! (HILST, 2008, p. 23-25)

Veja que a autora já escolhe um tema tabu e o aborda de maneira humorística, salpicando ironia e sarcasmo ao tratar o modo como a sociedade encara com pudor a questão do nu masculino. Para referir-se ao pênis ela recorre a termos comumente usados na informalidade “‘pantaleão’, ou ‘ferramenta’, ou ‘cana’, ou ‘camandro’ ou ponteiro”, buscando questionar toda essa áurea mítica que há em torno da genitália humana, que parece ser proibida. Em seguida, ainda sob o auspício do humor ela toma a voz do narrador e se coloca como alguém que já não desperta desejo pela idade e continua falando que a inteligência nem sempre é um atributo necessário na sociedade contemporânea, que normalmente valoriza mais um belo corpo à uma boa conversa, e a coloquialidade aparece na forma sarcástica quando ao tratar do tamanho do ‘dito-cujo’ ela ressalta novamente que atributos físicos são muito bem avaliados quando tratamos da sexualidade humana.

Outra característica que vale destacar é a de que o narrador das crônicas hilstianas destila por meio da ironia o ressentimento que marca a vida da autora, ressentimento por não ser reconhecida por sua obra, fazendo da linguagem meras alfinetadas que objetivam desnudar as mazelas humanas. O riso sarcástico e irônico aparece nas crônicas como elemento dinamizador dos discursos propostos por Hilst em sua escritura cronística, é ele quem provoca a inquietação e gera toda uma repercussão entre os leitores que acaba se tornando elemento motivador para Hilda em suas produções semanais. Vejamos:

Uma das coisas que mais admiro em alguém é o humor. Nada a ver com boçalidade. alguns me pedem crônicas sérias... Gente... O que fui de séria nos meus textos nestes 43 anos de escritora! Tão séria que o meu querido amigo, jornalista e crítico, José Castelo, escreveu que eu provoco a fúria insana, isto é, o cara começa a me ler e sai correndo pro funil do infinito. Tão séria que provoco o pânico. E nestas crônicas o que eu menos desejo é provocar o pânico... Já pensaram, a cada segunda-feira, os leitores atirando o jornal pelos ares e ensandecendo? (HILST, 1998: 61-62)

No excerto, Hilda destaca a quase impossibilidade de produzir o que ela denomina crônicas sérias, e destaca que ela relegou essa sobriedade a outros textos de sua produção, pois o que pretende na produção cronística é não provocar o pânico. Quiçá, ela pretenda dar a seus textos a leveza tão característica da crônica, conforme apontado por Candido, ao criar paradigmas para caracterização ou classificação dos textos em crônica. Ao usar o recurso do humor, Hilda quer não só alfinetar ou provocar o riso, ela quer alcançar os leitores daquele jornal, para tanto, além da leveza, que muitas vezes se traveste de uma

ferocidade crítica sem precedentes, ela despe-se de uma linguagem hermética e livra-se dos tecnocracismos tão comuns entre escritores, além de fugir dos padrões de *bestsellers* tão em voga no período, questionando desse modo os padrões estéticos da arte.

De uma atualidade certa, as crônicas de Hilst recorrem a uma linguagem que brinca com o cinismo para referir-se a fatos e pessoas que são articuladoras de movimentos de corrupção grandiosos. A autora usa do seu espaço do jornal para denunciar a crise em evidência no cenário político brasileiro, e a indignação é também um recurso usado por ela. Observe:

Então o país é saqueado em U\$\$190 bilhões por anões, INSS e quejandos e só o PC na cadeia? E o resto da corja? Por que não devolvem o que nos foi saqueado? Por que os bens de todos esses canalhas não são devolvidos ao País? Por que os trâmites burocráticos são tão demorados para punir ladrões que deixaram o País em estado de calamidade? E por que é tão rapidinho impingir impostos para o povo e tão lerdo tornar a voltar o que tomaram do povo? (HILST, 2007)

O cenário brasileiro aponta para um abismo em que a corrupção é a grande alavanca para tal, e a lentidão dos processos e a impunidade que protege os grandes corruptores são fatores que indignam a escritora. Não se faz crônica sem falar nos temas de seu tempo, não se faz crônica sem ter como referencial a realidade, e o que Hilda faz é exatamente questionar a realidade para testemunhá-la, seja com humor, seja com ironia, seja com farpas. E a cronista sempre apontou para os grandes detentores de poder na sociedade, aqueles que se enriqueceram pela exploração e pela corrupção.

Outro exemplo em que Hilda usa do seu humor mordaz para destilar um cáustico veneno sobre o cenário sociopolítico brasileiro é na crônica ‘Presidente, abre o olho: tão comendo gente!’

Há alguns dias, através da imprensa, soube que alguns encontraram, num monturo de lixo de hospital em Olinda, uma teta. E devoraram-na. Cuida-vos, jovens senhoras, de exibir tetas e nádegas portentosas num País onde uma pobre teta estropiada encontrou esse surpreendente e singular destino. Peruas! Façam-se sóbrias, soturnas, façam-se nulas, achatem-se a bombordo e estibordo [...]. Há de vir uma horda de famintos desejando-vos nuas, mas nunca para deitar-vos no leito onde a bela Mirra se deitou gulosa de seu pai, o rei Ciniras, não de vos deitar nas grelhas, salpicadas daquela pimenta-do-reino, reino que é o nosso, sem rei e sem lei, reino onde uma chusma de biltres, pulhas, cafres,

saqueou e ainda não devolveu ao povo 190 milhões de dólares [...]. Desgraçado País famélico, esfarrapado, doente, encontra na podridão o seu guisado! Desgraçado país onde milhões não têm sequer um colchão de palha para morrer, muito menos hospitais. País que se dá ao luxo de deixar apodrecer milhões de toneladas de cereais, onde uma ‘otoridade’ nos diz que a cada ano isso é frequente e normallll. Desgraçado País que fez da burocracia a estrada da maldade e do sem-tempo: ‘vorta daqui um ano, negona, e aí tu recebe os benefício do falecido. E tu aí? Tá morrendo é? Não tem vaga não? Morre em pé’. [...]. Presidente Itamar, apenas uma despreziosa *meditativo*: na África, 20 mil cadáveres jazem a céu aberto e não consta que alguém tenha lhes devorado um só dedo. Não lhe parece estranho, esquisito, tremebundo que aqui se ponha a comer tetas estropiadas oriundas de lixo de hospitais? Licença, hora de vomitar. Buaaaahhhh E atenção, mulheres pitanguisadas (palavra composta do Dr. Pitangui e de guisado), nada de silicone para estufar as tetas, não se atrevam a enganar o consumidor na hora do Terror! Atenção, Procon. Acalme-se, amiga, coma seus ovos (os que estiverem à mão). Boa missa. E agora me batam, me chamem de bisca por dizer a verdade nesta crônica, esta, sim, escabrosa, ainda que não trate de cacetas. (HILST, 2007, p.217-219)

Ao termos contato com a crônica acima, podemos perceber toda a riqueza linguística empregada por Hilst para construir os sentidos desejados. O tom provocador usado recorrentemente aparece aqui para denunciar a situação famélica de grande parte da população brasileira, tudo sem perder a ironia mordaz e deixando claro o referente a quem se destina: a alta e tradicional sociedade campinense.

Observa-se que uma linguagem que beira o coloquial passa a ser um recurso frequente na escrita crônica de Hilda, acredita-se que essa é uma estratégia da autora para chegar a todo tipo de público leitor que tem acesso ao jornal e romper também com o paradigma de que ela era uma escritora hermética ou para iniciados, este instaurado em torno da produção literária da autora que ficou durante largo tempo relegado a um público leitor muito pequeno.

Outro ponto que merece destaque é que a autora de Cascos e Carícias não toma em seus textos para o jornal Correio Popular o lado dos políticos, mas escolhe o lado dos explorados, preferindo ser porta-voz da indignação popular diante dos frequentes desacertos e desmandos de nossos políticos, numa tentativa de questionar o caos sóciopolítico vivido na época de sua produção.

Mora Fuentes em artigo denominado “Como uma brejeira escoliasta” trata dos textos de Hilda Para o jornal e afirma:

Surgindo como resposta ao convite do editor Wilson Marini, os textos são lúcida irreverência, humor e crítica impiedosa das mofinezas humanas, bem como da comiseração pela fragilidade e desatinos da

espécie. Aliando prosa e poesia para estampar o absurdo que partilhamos na matéria, a inquietante Hilda bombardeou, durante 62 contundentes semanas, a tradicional sociedade campinense com questionamentos essenciais, repletos de mordacidade, pungência e erudição. Talvez apenas um seletivo grupo de nigromantes pudesse prever o alvoroço provocado. (s.d/s.p)

Mas nem só de problematizações sociais se fez a crônica hilstiana, o espaço do jornal também serviu de vitrine para seus textos e muitas vezes Hilda presenteou seus leitores com a transcrição completa de contos, poemas ou trechos de romances, dando outra dimensão ao Caderno C. Veja a transcrição do poema da *coletânea Poemas aos homens de nosso tempo*.

Alguns homens geniais sugeriram que o problema do homem é o de encontrar alguma substância química que o imunize da barbárie. E digo simplesmente que é preciso devolver a alma ao homem. Digo-o novamente leitores:

Que te devolva, a alma
Homem do nosso tempo
Pede isso a Deus
Ou às coisas em que acreditas
À terra, às águas, à noite
Desmedida.
Uiva se quiseres
Ao teu próprio ventre
Se é ele quem comanda
A tua vida, não importa.
Pede à mulher
Àquela que foi noiva
À que se fez amiga,
Abre a tua boca, ulula
Pede à chuva
Ruge
Como se tivesses no peito
Uma enorme ferida.
Escancara a tua boa
Regouga: A ALMA. A ALMA DE VOLTA.
(HILST, 1998, p.16)

É importante salientar que a escolha dos poemas ou trechos de outros textos do legado hilstiano, também não é feita de modo gratuito, eles trazem a voz de um eu que suplica e pede ajuda, pois “diante da selvageria, do pânico, da desordem, só nos resta a poesia” (HILST, 2008).

Além disso, Hilda ainda recorre a temática da desvalorização da cultura frente a uma sociedade que valoriza cada vez mais políticos e jogadores de futebol, e escreve:

Leio notícias surpreendentes:

Que o nosso presidente está constrangido porque dobraram o salário dele e ele não pode dar cem pratas para o salário mínimo...coitaaado! Que o delicioso Romário vai receber milhões de dólares por um novo contrato. E eu então quero saber a opinião de vocês: será que se eu vendesse os direitos autorais de todos os meus escritos, depois da morte também, tudo tudo, montanhas de papéis (quarenta anos de trabalho) para algum bom de bola de sucesso limpar o rabió para o resto da vida, ia dar certo? Meu medo é porque os meus papéis não são aquele papel-bíblia (a transação ficaria mais fácil com esse papel fininho...), é aquele papel comum, e aí não haveria vantagem pra ninguém comprar, porque existe o adequado nos mercados. Fico sem saber o que fazer, mandem sugestões. Ai! É um horror isso de ter prestígio e todo o teu texto não valer nem o excremento nem o mijo de algum sedutor de massas, nem o peido de um cantor! (HILST,2007, p. 309)

Vê-se pela crônica o quão atual são os assuntos abordados por Hilst, e a autora lamenta a falta de reconhecimento e valorização não só de sua obra, mas de toda uma cultura produzida no país. E sugere o que fazer com seus manuscritos, uma sugestão irônica e que provoca além do riso, a reflexão acerca do papel do escritor e do valor de sua obra, daí a comparação dos seus escritos com excrementos humanos e a proposta de os venderem como papel para uso higiênico. A crítica ferrenha, marca característica do discurso hilstiano se impregna nos textos cronísticos da autora e se propõem a levar seus autores a refletirem sobre o valor daquilo que a população cultua como representação de sua cultura.

Portanto, a produção cronística de Hilda Hilst, organizada na obra *Cascos e Carícias*, é uma conjugação entre realidade e ficção, revelando uma densidade estilística que faz confluir toda a hibridez de sua produção anterior a um discurso que se instaura leve frente a uma problemática que traz em seu bojo o anseio pelo reconhecimento, em textos que congregam seu vigor irônico e fogem de clichês. O trabalho cronístico da autora não se constrói na tentativa incisiva de uma referencialidade ao real, pois não deseja traduzi-lo, mas sim elaborar uma tentativa de construir uma realidade possível, já que ao buscar no jornal a matéria para sua escritura, a cronista reconstrói literariamente os fatos e os lapida para que permaneça além da temporalidade que o consagra. Seu processo de escritura contempla traços metanarrativos que fogem do jogo lúdico e instauram reflexões relevantes seja sobre a condição humana, sobre a condição da cultura, do escritor brasileiro, ou até mesmo para investigar o abismo existente entre seus textos e os leitores, fazendo de suas crônicas meio de reflexão acerca da função do escritor em um mundo dominado pela mídia e pela cultura de massa. Além disso, o espaço da crônica

no jornal é ‘subvertido’ pela autora e torna-se uma vitrine representativa de toda a sua obra.

Referências

BIONE, Carlos Eduardo. **A escrita crônica de Hilda Hilst**. 2007. 215 págs. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007. Disponível em: [repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7859?show=full]. Acesso em 03/06/2016.

CANDIDO, Antonio et al. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

DESTRI, Luisa; DINIZ, Cristiano. Um retrato da artista. In: PÉCORA, Alcir (Org.). **Por que ler Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2010, p.32-55.

DINIZ, Cristiano (Org.). **Fico besta quando me entendem** : entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2013

FUENTES, Mora. **Como uma brejeira escoliasta**. Disponível em:[<http://www.angelfire.com/ri/casadosol/criticamf.html>]. Acessado e 14/06/2016

HILST, Hilda. **Cascos & carícias**: crônicas reunidas (1992-1995). São Paulo: Nankin Editorial, 1998. _____. **Cascos & carícias & outras crônicas**. São Paulo: Globo, 2007.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.